

Da lingüística à literatura: a segunda pessoa em Michaëlis de Vasconcelos e em Nemésio

Manuela Cook

Universidade de Wolverhampton – Inglaterra

O presente artigo constitui-se como homenagem a Carolina Michaëlis de Vasconcelos, por ocasião dos 150 anos do seu nascimento, e a Vitorino Nemésio, por ocasião do seu primeiro centenário. Com essa finalidade, considera a primeira na sua obra de filologia e o segundo na sua obra poética, e aproxima estas duas diferentes figuras das letras portuguesas num ponto específico: a apreciação da linguagem de relacionamento na mensagem emitida pelo comunicador. O processo de análise incidirá particularmente sobre a exploração semântica e estilística de formas de tratamento.

Saudade minha

É talvez o seu estudo filológico sobre o conceito de saudade¹ a obra que maior divulgação trouxe ao nome de Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Como a autora nos explica, o ponto de partida para a sua investigação foi uma canção portuguesa que se encontra intercalada numa dramatização castelhana² do assassinio de D. Inês de Castro, no século catorze, por ordem de D. Afonso IV, rei de Portugal e pai do príncipe herdeiro D. Pedro, que dela se tinha enamorado.

¹ MICHAËLIS DE VASCONCELOS, 1922.

² Trata-se de um breve interlúdio musical em português inserido numa peça escrita em castelhano *Reinar despues de morir*, de 1652, de autoria de Luis Vélez de Guevara. MICHAËLIS DE VASCONCELOS, 1922. p. 7-8.

A canção é introduzida na peça pela figura da dama de companhia de D. Inês e expressa os sentimentos de desolação e ansiedade desta última perante a ausência de D. Pedro. Trata-se de uma pequena composição lírica que principia com um dístico de tradição oral, que serve também de estribilho, e do qual Michaëlis de Vasconcelos nos dá a seguinte transcrição: “*Saudade minha, / quando te veria?*”³ Ou, à antiga: *Suidade minha, / quando vos veria?*³

A autora salienta que o dístico de tradição oral foi mote glosado por vários poetas quinhentistas e seiscentistas e focaliza quatro voltas feitas por Luís de Camões a *saudade minha*, a última das quais aponta como tendo sido a fonte directa do desenvolvimento dado ao dístico-mote da canção que se encontra na peça. Dela nos dá a seguinte transcrição: “*Minha saudade, / caro penhor meu, / a quem direi eu / tamanha verdade? / Na minha vontade / de noite e de dia / sempre vos teria*”.⁴

Na íntegra, a canção inserida no drama tem o texto seguinte:

Saudade minha,
Quando vos veria?

Minha saudade,
Caro penhor meu,
A quem direi eu
Tamanha verdade?
A minha vontade
De noite e de dia
Saudade minha
Quando vos veria?⁵

³ MICHAËLIS DE VASCONCELOS, 1922. p. 9.

⁴ MICHAËLIS DE VASCONCELOS, 1922. p. 8, 33, 103-14. Texto presente no cancionero manuscrito das *Rimas* de Luís de Camões que foi propriedade do Visconde de Juromenha, Vol IV, e em todas as edições de 1595 em diante, como citado em MICHAËLIS DE VASCONCELOS, 1922. p. 107-8.

⁵ Texto completo do interlúdio musical em português na peça de Guevara (veja nota 2), com uma cópia imperfeita da volta de Camões, como citado em MICHAËLIS DE VASCONCELOS, 1922. p. 26-7.

Este trecho lírico combina, portanto, o dístico-mote tradicional e uma cópia imperfeita da volta em que Camões o glosou. A volta é do século dezasseis. O dístico que serve de mote é mais antigo, e versões com o arcaísmo *suidade* colocando-o no século quinze ou em data anterior.⁶ A sua forma interrogativa e rima vocálica são típicas da lírica oral, e, quanto à sua autoria, põem-se duas hipóteses: ou é de criação verdadeiramente popular, ou foi originalmente redigido em estilo popular por um vate culto palaciano.⁷

Nas suas deambulações em torno de *suidade* > *saudade*, Michaëlis de Vasconcelos defende como étimo do vocábulo o plural latino feminino *solitates*,⁸ recolhe informação vária de grande utilidade, e alonga-se em comentários de incontestável valia para o aprofundamento do conceito. Neste cuidadoso estudo é de especial relevância para o presente artigo a distinção que a autora sublinha entre a forma “antiga” e, implicitamente, a “moderna” do dístico, como vimos: *Suidade minha, / quando vos veria?* e sua evolução futura para *Saudade minha, / quando te veria?*

Analisemos as duas versões, concentrando-nos primeiro em *suidade* > *saudade*. Tanto na forma arcaica como na moderna do termo, estamos perante um fenómeno de antonomásia em que um substantivo concreto – próprio ou comum – é substituído por um substantivo abstracto ou por perífrase, com um efeito adjetivante. Na canção, o ser amado ausente é referido no dístico-mote tradicional como *suidade/saudade minha* em alusão aos sentimentos que a sua ausência suscita, e o artifício linguístico é retomado anaforicamente, e reforçado, na volta de Camões: *Minha saudade, / caro penhor meu*.

O outro aspecto importante a considerar é o facto de que a voz que canta se dirige ao ser amado como ouvinte imaginário. É assim tanto no dístico-mote de tradição oral como na volta em que

⁶ MICHAËLIS DE VASCONCELOS, 1922, p. 106.

⁷ MICHAËLIS DE VASCONCELOS, 1922, p. 86, 103.

⁸ MICHAËLIS DE VASCONCELOS, 1922, p. 55.

Camões o glosa. O pronome pessoal oblíquo *vos* é usado no acto de comunicação fictícia. Esta é a versão pronominal a que Michaëlis de Vasconcelos se refere como sendo antiga e para a qual vê em *te* a versão mais moderna. Por outras palavras, e para simplificar, diremos que a observação da filóloga se refere à evolução da forma de tratamento por *vós* para a forma de tratamento por *tu* pela voz que se dirige ao ser amado apelidado de *suidade/saudade minba*.

Por outro lado, os sentimentos de saudade podem também encontra modos diferentes de expressão. Vejamos, por exemplo, do próprio Camões, o soneto em que o autor, usando o termo *saudade* no plural, diz o seguinte:

Que me quereis, perpétuas saudades?
Com que esperança ainda me enganais?
Que o tempo que se vai não torna mais,
E se torna, não tornam as idades.
Razão é já, ó anos, que vos vades,
Porque estes tão ligeiros que mostrais,
Nem todos pera um gosto são iguais,
Nem sempre são conformes as vontades.
Aquilo a que já quis é tão mudado,
Que quase é outra cousa; porque os dias
Têm o primeiro gosto já danado.
Esperanças de novas alegrias
Não mas deixa a Fortuna e o Tempo errado,
Que do contentamento são espias.⁹

Neste caso, estamos perante um fenómeno de personificação, em que se faz uma realização pessoal concreta de um conceito abstracto. Temos, portanto, uma situação diversa da do fenómeno de antonomásia que vimos no caso anterior. Além disso, neste último exemplo, as *saudades* apresentam-se quais parcas implacáveis de mitologia pré-cristã fiando a trama de um destino cruel para o poeta. Consequentemente, a personificação opera-se não ao nível do ser humano mas sim ao da divindade a quem ele está sujeito.

⁹ CAMÕES, 1954, v. 1, p. 235.

A voz do poeta, e humilde ser humano, que se dirige às *saudades* usa a forma de tratamento por *vós*, como é revelado pela desinência verbal em *quereis* e *enganais*. Põe-se, no entanto, a seguinte questão: será que a sequência evolutiva *vós-tu* (ou seus oblíquos *vos-te*) tenha aplicação nestas circunstâncias? Procuraremos a resposta mais adiante.

Meu Deus

Como poeta, uma das mais belas composições que Vitorino Nemésio nos deixou é a intitulada “Prece”, a qual passo a transcrever:

Meu Deus, aqui me tens aflito e retirado,
Como quem deixa à porta o saco para o pão.
Enche-o do que quiseres. Estou firme e preparado.
O que for, assim seja, à tua mão.
Tua vontade se faça, a minha não.

Senhor, abre ainda mais meu lado ardente,
Do flanco de teu Filho copiado.
Corre água, tempo e pus no sangue quente:
Outro bem não me é dado.
Tudo e sempre assim seja,
E não o que a alma tibia só deseja.

Se te pedir piedade, dá-me lume a comer,
Que com pontas de fogo o podre se adormenta.
O teu perdão de Pai ainda não pode ser,
Mas lembra-te que é fraca a alma que aguenta:
Se é possível, desvia o fel do vaso:
Se não é, beberei. Não faças caso.¹⁰

Estas estrofes podem ser vistas como uma versão personalizada da oração dominical. São também talvez o melhor exemplo da opção tomada pelo autor quanto à forma de tratamento a usar para

¹⁰ NEMÉSIO, 1959, p. 90. Poema com que encerra o livro *O verbo e a morte*.

Deus, oferecendo um termo de comparação e contraste com a versão do Ordinário da Missa contemporaneamente usada pela Igreja católica portuguesa:¹¹

Pai nosso que estais no céu,
santificado seja o Vosso nome,
venha a nós o Vosso reino;
seja feita a Vossa vontade, assim na terra como no céu.
O pão nosso de cada dia nos dai hoje;
perdoai-nos as nossas ofensas,
assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido;
e não nos deixeis cair em tentação
mas livrai-nos do mal.¹²

Em primeiro lugar, notemos que a prece de Nemésio usa a forma de tratamento por *tu*, diferentemente da versão litúrgica, que usa a forma de tratamento por *vós* (e.g., *tens, tua* em confronto com *estais, Vosso*). Em segundo lugar, uma outra diferença reside no uso da primeira pessoa no singular, em vez de plural, num estreitamento da prece colectiva para uma prece individual (e.g., *Meu, me* em confronto com *nosso, a nós*). Estas duas categorias de divergência conjugam-se numa aproximação procurada de maior intimidade entre o ser humano e Deus.

A evolução, ou desvio, da forma de tratamento por *vós* para a forma de tratamento por *tu* na oração dominical personificada de Nemésio põe-na em aparente paralelo com o trecho lírico que vimos sob o tema da saudade. O contexto sócio-histórico é, todavia, bastante diferente. Um entendimento lúcido do significado da opção tomada, num caso e no outro, requer um conhecimento diacrónico da segunda pessoa gramatical na língua portuguesa bem como um esquema teórico de análise de formas de tratamento que ponha a mudança em perspectiva sócio-lingüística.

¹¹ LINDLEY CINTRA, 1972, p. 75-122.

¹² Ordinário da Missa, *Missal Romano*, Comissão Episcopal de Liturgia, Lisboa, 1969, como citado em LINDLEY CINTRA, 1972, p. 78.

Dois sistemas

Uma observação diacrónica da língua portuguesa revela que esta adquiriu, através dos tempos, dois sistemas diferentes para a segunda pessoa gramatical. O primeiro foi herança directa do latim trazido para a Península Ibérica – de que o português veio a formar-se – como resultado de ela se ter tornado província romana no século dois antes de Cristo. A este primeiro sistema pertencem os pronomes pessoais *tu*, para o singular, e *vós*, para o plural (*tu* e *vos* em latim), e as correspondentes desinências verbais (e.g., *tu tens/estás/quieres* – *vós tendes/estais/quereis*). A forma do plural podia, contudo, ser aplicada a um só indivíduo quando usada numa outra função que desempenhava também, a de forma de tratamento cerimonioso.

O segundo sistema estabeleceu-se mais tarde, acompanhando uma vogal que se difundiu por várias regiões da Europa no final do período medieval e princípio do renascentista. Tornou-se então costume exaltar uma pessoa eminente por referência ao seu atributo mais notável. Este era gramaticalmente isolado em substantivo abstracto e, acompanhado do possessivo da segunda pessoa plural, era epíteticamente aplicado como forma de tratamento honorífico. De acordo com este formato, o rei português passou a ser tratado por *Vossa Mercê*. O sujeito é agora não mais um pronome mas sim um substantivo acompanhado de adjectivo possessivo. Um marco histórico da fase de transição é, em meados do século quinze, um texto em que o cronista Azurara tenta conciliar o sujeito nominal com o sistema tradicional de inflexão verbal, resultando numa confusa mistura de formas: “[...] *stando Vossa Mercee o anno passado em esta cidade, me dissestes [...]*”.¹³

Realmente, o uso de um sujeito nominal requer uma significativa mudança de estrutura. A desinência verbal da terceira pessoa passa a servir também a segunda pessoa, o que resulta em uma considerável simplificação morfológica. Por outro lado, o sujeito nominal abre um leque de novas possibilidades obtidas pela

¹³ AZURARA, 1949 (crónica de 1453), Dedicatória.

simples substituição do substantivo. É assim que hoje em dia, com uma mesma desinência verbal, usamos *o senhor* ou *a senhora* como forma de tratamento de cortesia, enquanto que *você* pode tomar o lugar de *tu* (e.g., *você tem / está / quer – o senhor tem / está / quer*). Aliás, vale a pena notar que *você*, agora com a aparência de um pronome, evoluiu do honorífico *Vossa Mercê*.¹⁴

Embora o novo sistema tenha vindo para ficar, o sistema antigo não desapareceu por completo. Uma observação sincrónica do português do século vinte e um revela a sua existência, com maior ou menor grau de vitalidade, em espaços geográficos diferentes. O tratamento por *vós* está praticamente defunto na língua falada, mas, por exemplo, no norte de Portugal ainda é possível ouvi-lo na boca do padre que do púlpito se dirige à congregação. *Tu* continua a gozar de popularidade em Portugal, embora não tanto no Brasil excepto em formas oblíquas.

De facto, o ponto de discussão é a dualidade *tu-vós*, tanto no trecho lírico que foi objecto do estudo de Michaëlis de Vasconcelos como no poema religioso de Nemésio, embora, como vimos, o primeiro texto date parte do século dezasseis e parte de época anterior e o segundo texto seja da segunda metade do século vinte. O que a filóloga considera como uma evolução do antigo para o moderno não é a mudança do formato *tu-vós* para uma construção de sujeito nominal, mas sim a mudança de *vós* para *tu*, ou, em uso oblíquo, de *vos* para *te*. Como será isso possível? Encontraremos a resposta numa outra dimensão de análise.

Deus e saudade através da óptica N-V-T

A interacção humana processa-se, fundamentalmente, a três níveis:

- igualdade: o comunicador coloca-se em nível de igualdade com o receptor;

¹⁴ COOK, 1994-95.

- superioridade: o comunicador coloca-se em posição de superioridade em relação ao receptor;
- inferioridade: o comunicador coloca-se em posição de inferioridade em relação ao receptor.

A estas três posturas correspondem três orientações de forma de tratamento:

- neutralidade: de igual para igual;
- descendência: falando “para baixo”;
- ascendência: falando “para cima”.

Em latim, o sistema gramatical binário *tu-vos* era veículo linguístico para as duas últimas posturas. Um superior dirigia-se a um inferior na forma de tratamento por “tu” e um inferior dirigia-se a um superior na forma de tratamento por “vos”. Os três níveis podem, deste modo, ser simbolizados com N-V-T, onde N corresponde a neutralidade, V a ascendência e T a descendência.¹⁵

O sistema gramatical português *tu-vós* para a segunda pessoa, herdado do latim, satisfazia as necessidades sócio-lingüísticas da era medieval, caracterizada por uma rígida hierarquia de classes, onde cada um devia saber o seu lugar e devia mostrar que o sabia. Além de ser veículo linguístico do relacionamento assimétrico entre superiores e inferiores, indirectamente, *tu-vós* era também veículo de expressão de neutralidade, na medida em que os indivíduos de classe alta se comunicavam em *vós* e os da classe baixa se comunicavam em *tu*.

Em sociedades modernas de vertente mais democrática e igualitária o cenário é consideravelmente diferente. A abordagem de neutralidade, N, é valorizada, e esta função adquire uma existência própria e independente. V e T são redefinidos. Em certa medida, continuam a expressar subordinação e superordinação em contextos onde existe uma estrutura organizacional baseada em

¹⁵ COOK, 1994, 1997. Veja também Brown e Gilman, 1960.

graduação de autoridade, como, por exemplo, nas forças armadas. Na sociedade em geral, porém, V e T adquirem um viés novo, evocativo de solidariedade, que lhes permite operar, respectivamente, na esfera da cortesia e na da intimidade.

No caso da língua portuguesa, temos igualmente a considerar o estabelecimento do sistema gramatical de segunda pessoa com sujeito nominal, no alvorecer da era renascentista. Este veio trazer novas alternativas de concretização para V e T além de abrir o caminho para N, que é obtível pela simples omissão do sujeito nominal. Por outras palavras, omitindo o denotador de sujeito, pode evitar-se a produção de sentido V ou T. Quer isto dizer que, a partir da situação inicial de coincidência entre V-T e o sistema gramatical de segunda pessoa de directa proveniência latina, surgiram duas linhas de desenvolvimento a dois planos distintos: uma, no plano histórico-social, e a outra, no plano morfo-sintáctico. O cenário que temos hoje é o fruto do estado de desenvolvimento alcançado em ambos os planos.

No português moderno, a forma de tratamento por *senhor/senhora* é o formato V mais generalizado (*O senhor quer sentar-se?*). Principalmente no último quartel do século vinte, fez-se um esforço para estabelecer *você* em Portugal como denotador N, mas o meio de expressar neutralidade parece encontrar-se antes na omissão do sujeito (*Quer sentar-se?*). No Brasil *você* goza de maior popularidade e talvez possa mais facilmente servir a função N, embora o homólogo *o senhor/a senhora* tenda a colocá-lo implicitamente em T. Aliás, o lugar ambíguo que *você* ocupa talvez explique em parte a prática brasileira de usar formas oblíquas de *tu* conjuntamente com *você*. Esta adição pode conferir um toque mais pessoal que ponha *você* mais dentro da zona T. Em Portugal, *tu* continua bem instalado em T (*(Tu) queres sentar-te?*).

Chegou o momento de voltarmos ao trecho lírico estudado por Michaëlis de Vasconcelos e ao poema composto por Nemésio. O que está em jogo em ambos é a troca da forma de tratamento por *vós* pela forma de tratamento por *tu*, isto é, um desvio de V para T.

Na composição lírica do século dezasseis com mote de data anterior, a voz que canta dirige-se ao ser amado em V, usando o

denotador *vos*. O tratamento em V está em conformidade com a cronologia do texto, pois em V se deveriam comunicar membros da classe nobre, como D. Inês e D. Pedro. (A propósito, a opção V apoia a hipótese de que o dístico tradicional que serve de mote seja de autoria de um vate palaciano embora redigido em estilo popular.) Hoje em dia, pode esperar-se que, em vez de classe social, o sentimento amoroso seja o factor que normalmente influencie a opção de forma de tratamento, a qual será consequentemente em T. Assim se explica como a evolução do tratamento por *vós* para o tratamento por *tu* pode ser vista como uma evolução do antigo para o moderno. Outrossim, em *você* encontra-se uma alternativa para a concretização moderna em T, principalmente no Brasil.

Umás centenas de anos mais tarde, temos a prece poética de Nemésio, no século vinte. À data em que a escreveu, no final da década de cinquenta, ao entrar numa igreja católica em Portugal, o autor encontraria uma oração dominical em que a congregação não só se dirigia a Deus em V como o fazia usando a antiga segunda pessoa gramatical *vós*. No caso da liturgia, os factores determinantes da forma de tratamento é possível que transcendam aqueles que normalmente influenciam as opções tomadas em interacção humana. O tom arcaizante da oração é um sinal que aponta para um longo passado histórico, para uma mensagem que tem sido conforto e esperança de muitas gerações. De qualquer modo, o tratamento por *vós* realça a distância entre os crentes que rezam e o Deus Pai a quem se dirigem. Em contraste, a prece poética de Nemésio emprega a segunda pessoa *tu*, dirigindo-se a Deus em T. Neste caso da oração privada, o crente tenta aproximar-se de Deus Pai, no qual procura um amigo íntimo na hora de provação.

Portanto, tanto a canção comentada por Michaëlis de Vasconcelos como o poema composto por Nemésio nos falam de um desvio do tratamento por *vós* para o tratamento por *tu* em conjunturas históricas e sociais, e em condições pessoais, bastante diversas. Resta-nos concluir com uma observação ao soneto de Camões, do século dezasseis. Em certo sentido, este encontra-se entre a *saudade minha* da canção e o *meu Deus* da prece poética.

Por um lado, a antonomásia na *saudade minba* da canção e a personificação nas *perpétuas saudades* do soneto têm em comum o facto de que a uma noção abstracta é dada uma realização concreta. São ambas fenómenos que envolvem artifícios mentais de natureza semelhante à dos epítetos que introduziram um novo sistema de segunda pessoa gramatical em português, como *Vossa Mercê*, que é hoje o singelo *você*. Por outro lado, as *perpétuas saudades* pertencem à ordem divina. Claro que, ao apresentar os seus sentimentos de saudade como divindades, o autor está meramente a poetar em estilo renascentista. Embora sob a roupagem de uma mitologia de sabor clássico, na sua essência, este poema não é radicalmente diferente da prece cristã que vimos: o ser humano suplicante, ao enfrentar sofrimento moral e possivelmente físico. Tal como na canção, no soneto Camões usa a forma de tratamento por *vós*, como é de esperar no tempo em que viveu e na corrente literária em que o soneto se afilia. Se ele tivesse vivido no século vinte, um poema nos moldes da prece ao *meu Deus*, em forma de tratamento T, talvez tivesse dado expressão aos sentimentos humanos que o inspiraram.

A útil observação de Carolina Michaëlis de Vasconcelos sobre o tratamento por *tu* ter vindo substituir o antigo tratamento por *vós* refere-se a uma evolução de ordem histórico-social. Sob o aspecto morfo-sintáctico, ambos são antigos, pois pertencem ao primeiro sistema de segunda pessoa gramatical que o português recebeu directamente do latim. Na segunda metade do passado milénio, o binário português *tu-vós* recuou significativamente a favor do sistema de sujeito nominal, que, ao entrarmos no século vinte e um, é o dominante. No entanto, casos como o do belo poema de Vitorino Nemésio parecem indicar que, para efeitos especiais de índole literária, ou pessoal, o velho sistema não deixará facilmente de exercer um certo fascínio.

Referências Bibliográficas

AZURARA, Gomes Eanes de. *Crónica dos Feitos da Guiné*. II Texto, 1453. Lisboa: Dias Dinis, 1949.

BROWN, Roger; Albert GILMAN. The pronouns of power and solidarity, em T. Sebeok (Ed.) *Style in language*, Cambridge, Mass.: M. I. T. Press, p. 65-79, 1960.

CAMÕES, Luís de. *Obras Completas*. 2. ed. Lisboa: Sá da Costa, 1954.

COOK, Manuela. Formas de tratamento do português actual – uma perspectiva sociolinguística. *Journal of the Association for Contemporary Iberian Studies*. Londres: Universidade South Bank, v. 7, n. 2, p. 47-52, outono 1994. [Periódico desde 1996 incorporado em *International Journal of Iberian Studies*. Bristol: Intellect]

COOK, Manuela. On the Portuguese Forms of Address: from 'Vossa Mercê' to 'você'. *Portuguese Studies Review*. Durham: Universidade de New Hampshire, v. 3. n. 2, p. 78-89, outono-inverno 1994-95.

COOK, Manuela. Uma teoria de interpretação das formas de tratamento na língua portuguesa. *Hispania*. Washington D.C.: Universidade Georgetown, v. 80, n. 3, p. 451-64, setembro 1997.

LINDLEY CINTRA, Luís F. *Sobre "formas de tratamento" na língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1972.

MICHAËLIS DE VASCONCELOS, Carolina. *A saudade portuguesa*. Segunda edição revista e acrescentada. Porto: Renascença, 1922.

NEMÉSIO, Vitorino. *O verbo e a morte*. Lisboa: Moraes, 1959.

Resumo

No estudo de formas de tratamento, impõem-se dois aspectos distintos que, não obstante, se entrelaçam no acto de comunicação: o significado de teor social e o mecanismo morfo-sintáctico que lhe serve de veículo linguístico. A língua portuguesa goza de uma rica gama de opções, em parte devido à existência de dois sistemas para a segunda pessoa: um recebido directamente do latim, e outro de estabelecimento mais tardio. Este último é hoje o sistema dominante. No entanto, as formas antigas ainda exercem um certo fascínio. Elas são usadas para casos especiais, os quais incluem a expressão de relacionamento de intimidade. A presente discussão baseia-se num conjunto de versos quinhentistas e mais antigos, analisados pela filóloga Carolina Michaëlis de Vasconcelos, e numa célebre composição poética que foi escrita por Vitorino Nemésio na segunda metade do século vinte.

Abstract

The study of forms of address requires a two-fold approach. In question are two distinct facets which, however, become intertwined in the act of communication: the social production of meaning and the morpho-syntactic mechanism through which it is constructed. The Portuguese language enjoys a rich range of options, partly due to its two systems for the second person: one received directly from Latin and a subsequent system. Today the latter is the dominant one. Nevertheless, the old forms still exert a certain fascination. They are used for special cases, which include the conveying of intimacy. This discussion is based on a set of poetic lines dating back to the sixteenth century and earlier, which were analysed by philologist Carolina Michaëlis de Vasconcelos, and on a celebrated poem written by Vitorino Nemésio in the second half of the twentieth century.